

de tijolo. Naquela manhã tinha sido um prato de faiança com arabescos de flores e inscrições árabes. Centrou o tema nas cores: um pálido conjunto de açafrões, rosas e violetas, além de um tênue brilho, devido não ao esmalte ou ao pincel, mas à pátina do tempo. Assim é o brilho sonhador dos vidros arrancados da cobertura das ruínas romanas ou também das telhas da ermidas, ressecadas ao fogo de mil sóis.

Vigo tinha chegado até aqui por caminhos sinuosos... após ter iniciado a marcha a partir da costa da Ásia Menor, tão propícia às radiações em novos solos. Assim o demonstraram os fenícios, os gregos, os cavaleiros templários, os venezianos e outros.

Tinha predileção pelas culturas dos mercadores. Nos primeiros tempos, o comércio do sal, do âmbar, do zinco, da seda e mais tarde do chá e das especiarias tinha traçado rotas sobre os desertos e os mares. Em Creta e em Rodes, em Florença e em Veneza, nos portos lusitanos e holandeses amontoavam-se os tesouros como o mel entre os alvéolos do favo. Transformaram-se em modos de vida superiores, em prazeres, edifícios, obras de arte. O ouro encarnava o sol; graças à sua acumulação, começaram a florescer e expandir-se as artes. Era inevitável que se produzisse um hálito de decadência, de saciedade outonal. E, enquanto falava, Vigo mantinha o prato na mão, como se pedisse esmola.

Como chegou a Damasco e depois deu aquele salto até a Espanha, permitindo que Abderramão escapasse do assassinato? Durante quase três séculos floresceu em Córdoba um ramo dos omíadas exterminados na Síria. Junto das mesquitas, as faianças também testemunhavam sobre este braço lateral, há muito tempo seco, do rio da elevada cultura árabe. Mais tarde, apareceram também no Iêmen os castelos de Beni Taher. Uma semente caiu nas areias do deserto

e ali gerou quatro novas colheitas.

Um antepassado de Abderramão, o quinto soberano dos omíadas, enviou o emir Muza à "Cidade do Cobre". A caravana partiu de Damasco, deixou o Cairo para trás, atravessou o grande deserto e chegou aos países do Ocidente, junto à costa da Mauritânia. Procurava as garrafas de cobre nas quais o rei Salomão tinha encerrado os demônios rebeldes. Os pescadores que atiravam suas redes ao mar do el-Karkar apanhavam de vez em quando, junto com suas presas, uma dessas garrafas. Estavam lacradas com o selo de Salomão. Se fossem abertas, o demônio saía como uma espessa fumaça que escurecia o céu.

Mais tarde reaparecem em Granada e em outras cidades da Espanha mouros emires chamados Muza. Este, o conquistador da África norte-ocidental, pode ser considerado o protótipo de todos eles. Não se pode negar-lhe certos traços ocidentais. Deve-se ter em conta, na verdade, que nos píncaros se mesclam e confundem as diferenças de raça e religião. Da mesma forma que na ordem moral os homens são muito parecidos e até idênticos quando se aproximam da perfeição, assim também se dá na ordem espiritual. Torna-se maior a distância ante o mundo e o objeto: a curiosidade cresce e com ela o prazer de se aproximar dos maiores segredos, mesmo sob risco dos maiores perigos. Traço aristotélico, que põe a seu serviço a aritmética.

A tradição não diz se o emir teve suas vacilações antes de abrir a garrafa. Sabemos, através de outros relatos, que isto era perigoso. Um dos demônios, por exemplo, teria afirmado que converteria no mais poderoso dos mortais o homem que o libertasse; durante séculos refletira como iria fazê-lo feliz. Mas agora tinha mudado de humor: durante seu confinamento, concentraram-se a peçonha e o furor. Quando, ao